

SÉRGIO BUARQUE
DE HOLANDA
Raízes do Brasil

EDIÇÃO CRÍTICA

ORGANIZAÇÃO

Pedro Meira Monteiro

Lilia Moritz Schwarcz

ESTABELECIMENTO DE

TEXTO E NOTAS

Mauricio Acuña

Marcelo Diego



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1936, 1947, 1955, 1995 by herdeiros de Sérgio Buarque de Holanda
Copyright de “Documentos Brasileiros” © 1936 by herdeiros de Gilberto Freyre
Copyright de “Prefácio”, “O significado de *Raízes do Brasil*” e “Post-scriptum” © 1963,
1967, 1986 by Antonio Candido
Copyright de “Variações sobre o *homem cordial*” © 1948 by herdeiros de Cassiano Ricardo

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Capa e Projeto Gráfico: Victor Burton

Foto de capa: *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, 1928, óleo sobre tela, 85 x 73 cm. Museo
de Arte Latinoamericano de Buenos Aires – Fundación Costantini, Buenos Aires.
Reprodução de Romulo Fialdini. © Tarsila do Amaral Empreendimentos.

Preparação: Cacilda Guerra

Índice remissivo: Luciano Marchiori

Revisão: Viviane T. Mendes, Huendel Viana, Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Holanda, Sérgio Buarque de, 1902-1982.

Raízes do Brasil / Sérgio Buarque de Holanda; organização
Pedro Meira Monteiro, Lília Moritz Schwarcz; estabelecimento
de texto e notas Mauricio Acuña e Marcelo Diego – São Paulo :
Companhia das Letras, 2016.

Bibliografia.

ISBN 978-85-359-2761-0

1. Brasil – Civilização I. Monteiro, Pedro Meira. II.
Schwarcz, Lília Moritz. III. Acuña, Mauricio. IV. Diego,
Marcelo. V. Título.

16-04248

CDD-981

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Cultura : Civilização : História

981

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 - São Paulo - SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

SUMÁRIO

Introdução – Uma edição crítica de
Raízes do Brasil: o historiador lê a si mesmo
Pedro Meira Monteiro e Lilia Moritz Schwarcz

II

Nota sobre o texto da presente edição
Mauricio Acuña e Marcelo Diego

27

RAÍZES DO BRASIL

I. Fronteiras da Europa

Mundo novo e velha civilização. – Personalismo exagerado e suas consequências: tibieza do espírito de organização, da solidariedade, dos privilégios hereditários. – Falta de coesão na vida social. – A volta à tradição, um artifício. – Sentimento de irracionalidade específica dos privilégios e das hierarquias. – Em que sentido anteciparam os povos ibéricos a mentalidade moderna. – O trabalho manual e mecânico, inimigo da personalidade. – A obediência como fundamento de disciplina.

37

2. Trabalho & aventura

Portugal e a colonização das terras tropicais. – Dois princípios que regulam diversamente as atividades dos homens. – Plasticidade social dos portugueses. – Civilização agrícola? – Carência de orgulho racial. – O labéu associado aos trabalhos vis. – Organização do artesanato; sua relativa debilidade na América

portuguesa. – Incapacidade de livre e duradoura associação. –
A “moral das senzalas” e sua influência. –
Malogro da experiência holandesa. – Nota ao capítulo 2:
Persistência da lavoura de tipo predatório.

59

3. Herança rural

A Abolição: marco divisório entre duas épocas. –
Incompatibilidade do trabalho escravo com a civilização burguesa
e o capitalismo moderno. – Da Lei Eusébio à crise de 64.
O caso de Mauá. – Patriarcalismo e espírito de facção. –
Causas da posição suprema conferida às virtudes da imaginação
e da inteligência. – Cairu e suas ideias. –
Decoro aristocrático. – Ditadura dos domínios agrários. –
Contraste entre a pujança das terras de lavoura e a mesquinhez
das cidades na era colonial.

117

4. O semeador e o ladrilhador

A fundação de cidades como instrumento de dominação. –
Zelo urbanístico dos castelhanos: o triunfo completo da linha reta. –
Marinha e interior. – A rotina contra a razão abstrata.
O espírito da expansão portuguesa. A nobreza nova do Quinhentos. –
O realismo lusitano. – Papel da Igreja. –
Notas ao capítulo 4: 1. Vida intelectual na América espanhola e no
Brasil. – 2. A língua geral em São Paulo. – 3. Aversão às virtudes
econômicas. – 4. Natureza e arte.

161

5. O homem cordial

Antígona e Creonte. – Pedagogia moderna e as virtudes antifamiliares. –
Patrimonialismo. – O “homem cordial”. –
Aversão aos ritualismos: como se manifesta ela na vida

social, na linguagem, nos negócios. – A religião e a exaltação dos valores cordiais.

243

6. Novos tempos

Finis operantis. – O sentido do bacharelismo. –

Como se pode explicar o bom êxito dos positivistas. –

As origens da democracia no Brasil: um mal-entendido. –

Etos e Eros. Nossos românticos. – Apego bizantino aos livros. –

A miragem da alfabetização. – O desencanto da realidade.

271

7. Nossa revolução

As agitações políticas na América Latina. – Iberismo e americanismo. –

Do senhor de engenho ao fazendeiro. –

O aparelhamento do Estado no Brasil. – Política e sociedade. –

O caudilhismo e seu avesso. – Uma revolução vertical. –

As oligarquias: prolongamentos do personalismo no espaço e no tempo. –

A democracia e a formação nacional. –

As novas ditaduras. – Perspectivas.

299

TEXTOS PARA E SOBRE *RAÍZES DO BRASIL*

Documentos Brasileiros, Gilberto Freyre

341

Prefácio da 2ª edição

347

Nota da 3ª edição

349

Prefácio – Antonio Candido

35^I

O significado de *Raízes do Brasil* – Antonio Candido

355

Variações sobre o *homem cordial* – Cassiano Ricardo

37^I

Carta a Cassiano Ricardo

399

POSFÁCIOS A ESTA EDIÇÃO

Um livro entre duas Constituintes – Elide Rugai Bastos

405

Primos entre si? Rural e urbano em *Raízes do Brasil* e *Populações meridionais do Brasil* – André Botelho e Antonio Brasil Jr.

411

A “eterna juventude” de um clássico – Conrado Pires de Castro

419

Entre totem e tabu: O processo de *Raízes do Brasil* –

João Kennedy Eugênio

43^I

Contraponto e revolução em *Raízes do Brasil* – Luiz Feldman

439

Mudanças em ritmo próprio – Alfredo Cesar Melo

449

Um conceito ou um baixo contínuo? Venturas e desventuras do homem
cordial – João Cezar de Castro Rocha

457

Raízes do Brasil: Inércia e transformação lenta – Leopoldo Waizbort

465

Doze anos que abalaram as raízes do Brasil – Robert Wegner

471

Cronologia de Raízes do Brasil

479

Créditos das imagens

487

Índice remissivo

489

1

FRONTEIRAS DA EUROPA

Mundo novo e velha civilização.

*Personalismo exagerado e suas consequências:
tibieza do espírito de organização, da solidariedade,
dos privilégios hereditários.*

Falta de coesão na vida social.

A volta à tradição, um artifício.

*Sentimento de irracionalidade específica dos
privilégios e das hierarquias.*

*Em que sentido anteciparam os povos ibéricos
a mentalidade moderna.*

*O trabalho manual e mecânico, inimigo
da personalidade.*

*A obediência como fundamento
de disciplina.¹*

1.A: Mundo novo e velha civilização – Consequências da cultura da personalidade: tibieza do espírito de organização, da solidariedade, dos privilégios hereditários; forças anárquicas – O recurso ao passado, um artifício – Em que sentido foram os povos ibéricos pioneiros da mentalidade moderna – O trabalho manual, inimigo da personalidade – A obediência como princípio da disciplina – A tradição portuguesa no Brasil.

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não diversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo² de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando³ em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns⁴ desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar à⁵ perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.⁶

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.⁷

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos

2. A, B: *Todo estudo compreensivo da sociedade brasileira há de destacar o fato verdadeiramente fundamental de constituirmos o único esforço bem-sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura europeia para uma zona de clima tropical e subtropical. Sobre território que, povoado com a mesma densidade da Bélgica, chegaria a comportar um número de habitantes igual ao da população atual do globo, vivemos uma experiência sem símile.* Trazendo.

3. B: instituições e nossa visão do mundo e timbrando.

4. B: ainda uns.

5. A, B: elevar até a.

6. A: preguiça participa fatalmente de um estilo e de um sistema de evolução naturais a outro clima e a outra paisagem.

B: preguiça parece participar fatalmente de um sistema de evolução natural de outro clima e de outra paisagem.

7. A, B: antes de investigar até que ponto poderemos alimentar no nosso ambiente um tipo próprio de cultura, cumpriria averiguar até onde representa-

recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido⁸ também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos,⁹ desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário.¹⁰

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que¹¹ os dois países entraram mais decididamente¹² no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse¹³ em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social¹⁴ nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos¹⁵ Pirineus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas¹⁶ formas, sem recorrer a indicações mais

mos nele as formas de vida, as instituições e a visão do mundo de que somos herdeiros e de que nos orgulhamos.

8. A, B: sentido, *muito especial embora*, também.

9. A, B: carregada, *por isso mesmo*, desse.

10. A, B: como um patrimônio.

11. A, B: época *do descobrimento da América* que.

12. A, B: entraram decididamente.

13. A: não *contivesse* em.

B: não *tivesse* em.

14. A: *Qual a base* em que assentam as formas *culturais* nessa.

B: *Qual o fundamento* em que assentam as formas de vida social nessa.

15. A: que *vai* dos.

16. A, B: explicar *essas* formas.

ou menos vagas e que jamais nos conduziriam a uma estrita objetividade?¹⁷

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pirineus faz¹⁸ ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal¹⁹ extremo essa cultura da personalidade que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica,* desde tempos imemoriais. Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço,²⁰ devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. Para eles, o índice do valor de um homem infere-se, antes de tudo, da extensão em que não precise depender dos demais, em que não necessite de ninguém, em que se baste. Cada qual é filho de si mesmo, de seu esforço próprio, de suas virtudes... – e as virtudes soberanas para essa mentalidade são tão imperativas, que chegam por vezes a marcar o porte pessoal e até a fisionomia²¹ dos homens. Sua manifestação mais completa já tinha sido expressa no

17. A: [não há parágrafo].

18. A, B: além-Pirineus, *da Europa que evoluiu do império de Carlos Magno*, faz.

19. A: nenhum *desenvolveu* a tal.

*Aqui, como em outras passagens da obra, o autor utiliza o termo “hispânico” para referir-se às culturas dos povos da península Ibérica como um todo, bem como dos territórios por eles colonizados.

20. A: semelhantes, devem.

21. A, B: chegam a *imprimir o seu selo* no porte pessoal e até *na* fisionomia.

estoicismo,* que, com pouca corrupção, tem sido a filosofia²² nacional dos espanhóis desde o tempo de Sêneca.

Essa concepção espelha-se fielmente em uma palavra bem hispânica – “sobranceria” –, palavra que indica inicialmente a ideia de superação. Mas a luta e emulação que ela implica eram tacitamente admitidas e admiradas, engrandecidas pelos poetas, recomendadas pelos moralistas e sancionadas pelos governos.

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Os privilégios hereditários, que, a bem dizer, jamais tiveram influência muito decisiva nos países de estirpe ibérica, pelo menos tão decisiva e intensa como²³ nas terras onde criou fundas raízes²⁴ o feudalismo, não precisaram ser abolidos neles para que se firmasse o princípio das competições individuais. À frouxidão da estrutura social, à falta de hierarquia organizada devem-se alguns dos episódios mais singulares da história das nações hispânicas, incluindo-se nelas Portugal e o Brasil. Os elementos anárquicos sempre frutificaram aqui facilmente, com a cumplicidade ou a indolência displicente das instituições e costumes. As iniciativas, mesmo

*O estoicismo é uma corrente filosófica fundada por Zenão de Cítio (332-264 a.C.) e associada a pensadores como Sêneca (4 a.C.-65 d.C.). O sentido primordial do estoicismo consiste na prática da virtude, em viver de acordo com a natureza ou a ordem racional (logos) do universo. O logos seria a divindade imanente ao mundo e que tudo governa, cabendo ao filósofo compreender o caráter do que acontece. Essa corrente teria desenvolvido a primeira moral de tipo universal fundada na igualdade de princípio de todos os homens, considerados então como cidadãos do mundo em perspectiva cosmopolita.

22. A: estoicismo, a filosofia.

23. A: decisiva e *profunda* como.

24. A: criou raízes.

quando se quiseram construtivas, foram continuamente no sentido de separar os homens, não de os unir. Os decretos dos governos nasceram em primeiro lugar da necessidade de se conterem e de se refrearem as paixões particulares momentâneas, só raras vezes da pretensão de se associarem permanentemente as forças ativas.²⁵

A falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno. E é por isso que erram profundamente aqueles que imaginam na volta à tradição, a certa tradição, a única defesa possível contra nossa desordem. Os mandamentos e as ordenações que elaboraram esses eruditos são, em verdade, criações engenhosas do espírito, destacadas do mundo e contrárias a ele. Nossa anarquia, nossa incapacidade de organização sólida não representam, a seu ver, mais do que uma ausência da única ordem que lhes parece necessária e eficaz. Se a considerarmos²⁶ bem, a hierarquia que exaltam é que precisa de tal anarquia para se justificar e ganhar prestígio.

E será legítimo, em todo caso, esse recurso ao passado em busca de um estímulo para melhor organização da sociedade? Não significaria, ao contrário, apenas um índice de nossa incapacidade de criar espontaneamente? As épocas realmente vivas nunca foram tradicionalistas por deliberação. A escolástica* na Idade Média foi

25. A: *paixões e as opiniões dos homens*, só raramente da pretensão de se associarem *as suas* forças.

B: *paixões e opiniões particulares*, só raras vezes da pretensão de se associarem *suas* forças.

26. A: Se considerarmos.

*A escolástica foi uma vertente filosófica praticada nas universidades europeias medievais que se caracterizou pela tradução, pelo estudo e pelos debates em torno da obra de Aristóteles, procurando integrá-la à filosofia cristã. Tomás de Aquino e Duns Escoto foram alguns dos principais pensadores da filosofia escolástica, cujas preocupações incluíam as relações entre razão e fé e tinham desdobramentos teóricos na lógica, na metafísica, na filosofia da linguagem e na epistemologia.

criadora porque foi atual.²⁷ A hierarquia do pensamento subordinava-se a uma hierarquia cosmogônica. A coletividade dos homens na Terra era uma simples parábola e espelhava²⁸ palidamente a cidade de Deus. Assim, na filosofia tomista, * os anjos que compõem as três ordens da primeira hierarquia, os Querubins, os Serafins e os Tronos, são equiparados aos homens que formam o entourage imediato de um monarca medieval: assistem o soberano no que ele realiza por si mesmo, são os seus ministros²⁹ e conselheiros. Os da segunda hierarquia, as Dominações, as Potências e as Virtudes, são, em relação a Deus, aquilo que para um rei são os governadores por ele incumbidos da administração das diferentes províncias do reino. Finalmente, os da terceira hierarquia correspondem, na cidade temporal, aos agentes do poder, os funcionários subalternos.¹

Se a vida medieval aspirava a uma bela harmonia e repousava sobre um sistema hierárquico, nada mais natural, pois que até no Céu existem graus de beatitude, segundo informa Beatriz ao Dante. ** A ordem natural é tão somente uma projeção imperfeita e longínqua da Ordem eterna e explica-se por ela:

*Le cose tutte quante
hanno ordine tra loro e questo forma
che l'universo a Dio fa simigliante.*

27. A: Idade Média *era viva* porque *era* atual.

28. A: na *terra* espelhava.

*A doutrina tomista, ou tomismo, é a escola filosófica e teológica surgida a partir do pensamento do frade italiano Tomás de Aquino (1225-74), santo e doutor da Igreja Católica, cuja principal obra é a *Suma teológica*.

29. A, B, C: seus *primeiros*-ministros.

**Beatriz é a heroína e musa inspiradora de Dante Alighieri em seu longo poema *A divina comédia* (1320). A passagem citada logo a seguir encontra-se originalmente em “Paráiso”, I, 103-5 e quer dizer, em tradução literal para o português: “As coisas todas possuem uma ordem entre si: e isto faz com que o universo ao Senhor se assemelhe”.

Assim, a sociedade dos homens na Terra não pode ser um fim em si. Sua disposição hierárquica, posto que rigorosa, não visa à permanência, nem quer o bem-estar no mundo. Não³⁰ há, nessa sociedade, lugar para as criaturas que procuram a paz terrestre nos bens e vantagens deste mundo. A comunidade dos justos é estrangeira na terra, ela viaja e vive da fé no exílio e na mortalidade. “Assim”, diz Santo Agostinho, “a cidade terrestre que não vive da fé aspira à paz terrena, e o fim que ela atribui à missão da autoridade e da sujeição,³¹ entre cidadãos, é que haja, quanto aos interesses desta vida mortal, um certo concerto das vontades humanas.”

A Idade Média mal conheceu as aspirações conscientes para uma reforma da sociedade civil.³² O mundo era organizado segundo leis eternas indiscutíveis, impostas do outro mundo pelo supremo ordenador³³ de todas as coisas. Por um paradoxo singular, o princípio formador da sociedade era, em sua expressão mais nítida, uma força inimiga, inimiga do mundo e da vida. Todo o trabalho dos pensadores, dos grandes construtores de sistemas, não significava outra coisa senão o empenho em disfarçar, quanto possível, esse antagonismo entre o Espírito e a Vida (*Gratia*³⁴ *naturam non tollit sed perficit*). * Tra-

30. A: mundo. *A vida é pobre e melancólica – o bom humor, o conforto, a comodidade, o asseio, são coisas desconhecidas ou desprezadas. As misérias do tempo constituem o tema obrigatório dos cancioneiros e crônicas.* Não.

B: mundo. *A vida é pobre e melancólica – o bom humor, o conforto, a comodidade, o asseio, são coisas desconhecidas ou desprezadas.* Não.

31. A: *submissão.*

32. A, B: da sociedade.

33. A, B: Supremo Ordenador.

34. A: *Gloria.*

* No original, lê-se: “*Cum enim gratia non tollit naturam, sed perficit, oportet quod naturalis ratio subserviat fidei; sicut et naturalis inclinatio voluntatis obsequitur caritati*”. Em tradução de Alexandre Correia: “Pois, como a graça não tolhe, mas aperfeiçoa a natureza, importa que a razão humana preste serviços à fé, assim como a inclinação natural da vontade está às ordens da

balho de certa maneira fecundo e venerável, mas cujo sentido nossa época já não quer compreender em sua essência. O entusiasmo que pode inspirar hoje essa grandiosa concepção hierárquica, tal como a conheceu a Idade Média, é em realidade uma paixão de professores.

No fundo, o próprio princípio de hierarquia nunca chegou a importar de modo cabal entre³⁵ nós. Toda hierarquia funda-se necessariamente em privilégios. E a verdade é que, bem antes de triunfarem no mundo as chamadas ideias revolucionárias, portugueses e espanhóis parecem ter sentido vivamente a irracionalidade³⁶ específica, a injustiça social de certos privilégios,³⁷ sobretudo dos privilégios hereditários. O prestígio pessoal, independente do nome herdado, manteve-se³⁸ continuamente nas épocas mais gloriosas da história das nações ibéricas.

Nesse ponto, ao menos, elas podem considerar-se legítimas pioneiras da mentalidade moderna. Toda gente sabe que nunca chegou a ser rigorosa e impermeável a nobreza lusitana.³⁹ Na era dos grandes descobrimentos marítimos, Gil Vicente podia notar como a nítida separação das classes sociais que prevalecia em outros países era quase inexistente entre seus conterrâneos:

[...] *em Frandes e Alemanha,*
em toda França e Veneza,
que vivem per siso e manha,

caridade”. Tomás de Aquino. *Suma teológica* (I, q. I, a. 8, ad. 2). São Paulo: Odeon, 1936.

35. A: importar entre.

36. A: *irracionalidade* [em itálico].

37. A: social *dos* privilégios.

38. A: *prevaleceu*.

39. Todo o trecho que se estende daqui até o parágrafo que se inicia com “Um dos pesquisadores [...]” é uma inserção de B.

*por não viver em tristeza,
não he como nesta terra;
porque o filho do lavrador
casa lá com lavradora,
e nunca sobem mais nada;
e o filho do broslador
casa com a brosladora:
isto per lei ordenada. *.¹¹*

Um dos pesquisadores mais notáveis da história antiga de Portugal salientou, com apoio em ampla documentação, que a nobreza, por maior que fosse a sua preponderância em certo tempo, jamais⁴⁰ logrou constituir ali uma⁴¹ aristocracia fechada; a generalização dos mesmos nomes a pessoas das mais diversas condições – observa – não⁴² é um fato novo na sociedade portuguesa; explica-o⁴³ assaz a troca constante de indivíduos, de uns que se ilustram, de outros que voltam à massa popular donde haviam saído.¹¹¹

Acentua⁴⁴ ainda Alberto Sampaio como⁴⁵ a lei consignada nas Ordenações** confessa que havia homens da linhagem dos Filhos

*O autor reproduz a passagem respeitando o português do século xvi: “Fran-des” por “Flandres”, “he” por “há”, “broslador”/”brosladora” por “bordador”/”bordadeira”, “per” por “por”.

40. A: Portugal salientou *como essa* nobreza jamais.

41. A: constituir uma.

42. A: condições *como acontece com os apelidos atuais*, não.

43. A: novo *nessa sociedade*: explica-o.

44. A: *Observa*.

45. A: *que*.

**As “Ordenações” são as Ordenações do Reino, conjuntos de ordenamentos legais que regiam o sistema jurídico português: as Ordenações Afonsinas, no século xv, as Ordenações Manuelinas, no século xvi, e as Ordenações Filipinas, durante a União Ibérica (1580-1640).

d'algo* em todas as profissões, desde os oficiais industriais, até os arrendatários de bens rústicos; unicamente lhes são negadas as honras *enquanto viverem de trabalhos mecânicos*. A comida do povo – declara ainda – não se distinguia muito da dos cavalheiros nobres, por isso que uns e outros estavam em contínuas relações de intimidade; não só os nobres comiam com os populares, mas ainda lhes entregavam a criação dos filhos. Prova está na instituição do *amádigo*** pela qual os nobres davam a educar seus filhos aos vilãos,** que desfrutavam, nesse caso, de alguns privilégios e isenções.⁴⁶

⁴⁷ Se semelhantes característicos predominaram com notável consistência entre os povos ibéricos, não vale isso dizer que provenham de alguma inelutável fatalidade biológica ou que, como as estrelas

*Os “Filhos d’algo”, ou “fidalgos”, eram, na monarquia portuguesa, os nobres sem titulação, ou seja, aqueles que pertencessem a uma linhagem conhecida, ainda que não tivessem um título nobiliárquico.

**O “amádigo” era a honraria que se concedia a quem criava os filhos de reis ou nobres (em geral, as amas).

***Aqui, como em outras passagens da obra, o autor utiliza o termo “vilão” para se referir aos habitantes de vilas, em oposição à nobreza rural e à população urbana.

46. A: de *certas isenções e privilégios*.

47. Todo o trecho que se estende daqui até o parágrafo que se inicia com “O mérito pessoal [...]” é uma inserção de B. A: *Nessa sociedade, o princípio nivelador partiu sempre das próprias classes privilegiadas, não precisou vir da burguesia.*^{iv} *Mas cumpre ter em mente que o acesso às condições privilegiadas podia ser garantido a quem o tivesse merecido por suas virtudes. E é claro que o círculo de virtudes capitais para a gente hispânica se relaciona diretamente com o sentimento da própria dignidade de cada homem. Ideal comum a nobres e plebeus, ele corresponde, sem embargo, a uma ética de fidalgos, não de vilãos. No tempo de Montesquieu, em que já luziam os albos de uma era nova, ele podia ser ridicularizado. Para o caráter ibérico, porém, os valores que oferecem são universais e permanentes.*

do céu, pudessem subsistir à margem e à distância das condições de vida terrena. Sabemos que, em determinadas fases de sua história, os povos da Península deram provas de singular vitalidade, de surpreendente capacidade de adaptação a novas formas de existência. Que especialmente em fins do século xv puderam mesmo adiantar-se aos demais Estados europeus, formando unidades políticas e econômicas de expressão moderna. Mas não terá sido o próprio bom êxito dessa transformação súbita, e talvez prematura, uma das razões da obstinada persistência, entre eles, de hábitos de vida tradicionais, que explicam em parte a sua originalidade?

No caso particular de Portugal, a ascensão, já ao tempo do Mestre de Avis, do povo dos mesteres* e dos mercadores citadinos pode encontrar menores barreiras do que nas partes do mundo cristão onde o feudalismo imperava sem grande estorvo. Por isso, porque não teve excessivas dificuldades a vencer, por lhe faltar apoio econômico onde se assentasse de modo exclusivo, a burguesia mercantil⁴⁸ não precisou adotar um modo de agir e pensar absolutamente novo, ou instituir uma nova escala de valores, sobre os quais firmasse permanentemente seu domínio. Procurou, antes de associar-se às antigas classes dirigentes, assimilar muitos dos seus princípios, guiar-se pela tradição, mais do que pela razão fria e calculista. Os elementos aristocráticos não foram completamente alijados e as formas de vida herdadas da Idade Média conservaram, em parte, seu prestígio antigo.

Não só a burguesia urbana, mas os próprios labregos deixavam-se contagiar pelo resplendor da existência palaciana com seus títulos e honrarias.

*Cedo não há de haver vilão:
todos d'el-Rei, todos d'el-Rei,*

* Os “mesteres” (mestres de ofício) eram, na monarquia portuguesa, os representantes dos trabalhadores livres junto ao Senado.

48. B: *mercante*.

exclamava o pajem da *Farsa dos almocreves*. * Por estranho que pareça, a própria ânsia exibicionista dos brasões, a profusão de nobiliários e livros de linhagem constituem, em verdade, uma das faces da incoercível tendência para o nivelamento das classes, que ainda tomam por medida certos padrões de prestígio social longamente estabelecidos e estereotipados. A presunção de fidalguia é requerida por costumes ancestrais que, em substância, já não respondem a condições do tempo, embora persistam nas suas exterioridades. A verdadeira, a autêntica nobreza já não precisa transcender ao indivíduo; há de depender das suas forças e capacidades, pois mais vale a iminência própria do que a herdada. A abundância dos bens da fortuna, os altos feitos e as altas virtudes, origem e manancial de todas as grandezas, suprem vantajosamente a prosápia⁴⁹ de sangue. E o círculo de virtudes capitais para a gente ibérica relaciona-se de modo direto com o sentimento da própria dignidade de cada indivíduo. Comum a nobres e plebeus, esse sentimento corresponde, sem embargo, a uma ética de fidalgos, não de vilãos. Para espanhóis e portugueses, os valores que ele anima são universais e permanentes.

O mérito pessoal, quando fundado em tais virtudes, teve sempre importância ponderável. Semelhante concepção é que, prolongada na teologia,⁵⁰ iria ressuscitar, em pleno século XVI, a velha querela do pelagianismo, ** encontrando sua manifestação mais completa

* A *Farsa dos almocreves* é uma peça de Gil Vicente representada pela primeira vez em Coimbra em 1526.

49. B: *nobreza*.

50. A: Teologia.

**O pelagianismo foi uma seita cujo nome vem do monge Pelágio da Bretanha (350-423). Suas concepções fundamentais negavam o pecado original, a corrupção da natureza humana, o servo arbítrio (isto é, o arbítrio escravizado ou cativo) e a necessidade da graça divina para a salvação. A polémica aberta à época, que envolveu o papa Inocêncio I, resultou na sua classificação como heresia.

na doutrinação molinista.* E nessa polêmica iria ter o papel decisivo, contra os princípios predestinacionos,** uma instituição de origem nitidamente ibérica, a Companhia de Jesus, que procurou impor seu⁵¹ espírito ao mundo católico desde o Concílio de Trento.

Efetivamente, as teorias negadoras do livre-arbítrio foram sempre encaradas com desconfiança e antipatia pelos espanhóis e portugueses. Nunca eles se sentiram muito à vontade em um mundo onde o mérito e a responsabilidade individuais não encontrassem pleno reconhecimento.

Foi essa mentalidade, justamente, que se tornou o maior óbice, entre eles, ao espírito de organização espontânea, tão característico de povos protestantes, e sobretudo de calvinistas. Porque, na verdade, as doutrinas que apregoam o livre-arbítrio e a responsabilidade pessoal são tudo, menos favorecedoras da associação entre os homens. Nas nações ibéricas, à falta dessa racionalização da vida, que tão cedo experimentaram algumas terras protestantes, o princípio unificador foi sempre representado pelos governos. Nelas predominou, incessantemente, o tipo de organização política artificialmente mantida por uma força exterior, que, nos tempos modernos, encontrou⁵² uma das suas formas características nas ditaduras militares.

*O molinismo foi uma doutrina elaborada pelo jesuíta espanhol Luís de Molina (1535-1600). Em sua definição sobre a Providência Divina, ele procurava conciliar as ideias de que os seres humanos têm liberdade significativa ou libertária e de que Deus tem controle providencial sobre tudo o que ocorre.

**O predestinacionismo é uma querela teológica da qual há registro já no tempo de Agostinho, no século v, tendo alcançado a Reforma Protestante, no século xvi, com João Calvino e Martinho Lutero. Diz respeito à crença de que Deus necessariamente predestinava os homens e as mulheres, tanto para a glória quanto para o inferno, de maneira que a salvação ou a condenação independeriam do arbítrio humano.

51. A: que *impôs* seu.

52. A: *que* encontrou.

Um fato que não se pode deixar de tomar em consideração no exame da psicologia desses povos é a invencível repulsa⁵³ que sempre lhes inspirou toda moral fundada no⁵⁴ culto ao trabalho.⁵⁵ Sua atitude normal é precisamente o inverso da que, em teoria, corresponde ao sistema do artesanato medieval, donde se encarece o trabalho físico, denegrindo o lucro, o “lucro torpe”. Só muito recentemente, com o prestígio maior das instituições dos povos do Norte, é que essa ética do trabalho chegou a conquistar algum terreno entre eles. Mas as resistências que encontrou e ainda encontra têm sido tão vivas e perseverantes, que é lícito duvidar de seu êxito completo.⁵⁶

A “inteireza”, o “ser”, a “gravidade”, o “termo honrado”, o “proceder sisudo”, esses atributos que ornaram e engrandeceram o nobre escudo, na expressão do poeta português Francisco Rodrigues Lobo,* representam virtudes essencialmente inativas, pelas quais o indivíduo se reflete sobre si mesmo e renuncia a modificar a face do mundo. A ação sobre as coisas, sobre o universo material, implica submissão a um objeto exterior, aceitação de uma lei estranha ao indivíduo. Ela não é exigida por Deus, nada acrescenta à sua glória e não aumenta nossa própria dignidade. Pode dizer-se, ao contrário, que a prejudica e a avilta. O trabalho manual e mecânico visa a um fim exterior ao homem e pretende conseguir a perfeição de uma obra distinta dele.

É compreensível, assim, que jamais se tenha naturalizado entre gente hispânica a moderna religião do trabalho e o apreço⁵⁷ à

53. A: *antipatia*.

54. A: fundada *principalmente* no.

55. Esta frase é inserção de B. A: culto ao trabalho. Só muito recentemente.

56. A: lícito *duvidar-se* de seu êxito.

*Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622) pertenceu à primeira geração de poetas portugueses posteriores a Camões e, influenciado por Góngora, foi um dos introdutores do barroco em Portugal.

57. A: *culto*.

atividade utilitária. Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente, e até mais nobilitante, a um bom português ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de grande senhor,⁵⁸ exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam⁵⁹ o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente no ponto de vista da Antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor.

Também se compreende que a carência dessa moral do trabalho se ajustasse bem a uma reduzida capacidade⁶⁰ de organização social. Efetivamente o esforço⁶¹ humilde, anônimo e desinteressado é agente poderoso da solidariedade dos interesses e, como tal, estimula a organização racional dos homens e sustenta a coesão entre eles. Onde prevaleça uma forma qualquer de moral do trabalho, dificilmente⁶² faltará a ordem e a tranquilidade entre os cidadãos, porque são necessárias, uma e outra, à harmonia dos interesses. O certo é que, entre espanhóis e portugueses, a moral do trabalho representou⁶³ sempre fruto exótico. Não admira⁶⁴ que fossem precárias, nessa gente, as ideias de solidariedade.

58. A: de senhor.

59. A: enquanto os povos protestantes, *herdeiros nesse ponto do mundo medieval, que não desprezava o trabalho físico, elevam e exaltam.*

B: enquanto povos protestantes, *nisto mais próximos do mundo medieval, preconizam e exaltam.*

60. A: bem à *pequena* capacidade.

61. A: *trabalho.*

62. A: *não.*

63. A: *foi.*

64. A: admira, *assim*, que.

A bem dizer, essa solidariedade, entre eles, existe somente onde há vinculação de sentimentos mais do que relações⁶⁵ de interesse – no recinto doméstico ou entre amigos. Círculos forçosamente restritos, particularistas e antes inimigos que favorecedores das associações estabelecidas sobre plano mais vasto,⁶⁶ gremial ou nacional.

À autarquia do indivíduo, à exaltação extrema da personalidade, paixão fundamental e que não tolera compromissos, só pode haver uma alternativa: a renúncia⁶⁷ a essa mesma personalidade em vista de um bem maior. Por isso, mesmo que rara e difícil, a obediência aparece algumas vezes,⁶⁸ para⁶⁹ os povos ibéricos, como virtude suprema entre todas. E não é estranhável que essa obediência – obediência cega e que difere fundamentalmente dos princípios medievais e feudais de lealdade⁷⁰ – tenha sido até agora, para eles, o único princípio político verdadeiramente forte. A vontade de mandar e a disposição para cumprir ordens são-lhes igualmente peculiares. As ditaduras e o Santo Ofício parecem constituir formas⁷¹ tão típicas de seu caráter como a inclinação à anarquia e à desordem. Não existe, a seu ver, outra⁷² sorte de disciplina perfeitamente concebível, além da que se funde na excessiva centralização do poder e na obediência.⁷³

Foram ainda os jesuítas que representaram, melhor de que ninguém, esse princípio da disciplina pela obediência. Mesmo em

65. A: mais que de interesse.

66. A: plano *extenso*.

B: plano mais *extenso*.

67. A: a *negação e a renúncia*.

68. A: aparece *por vezes*.

69. A: *entre*

70. A: difere *do ideal germânico e feudal da lealdade*.

71. A: Santo Ofício *constituem* formas.

72. A: existe *para os povos ibéricos* outra.

73. A: centralização e na obediência, *ainda que só por exceção se manifeste*.

nossa América do Sul, deixaram disso exemplo memorável com suas reduções e doutrinas. Nenhuma tirania moderna, nenhum teórico da ditadura do proletariado ou do⁷⁴ Estado totalitário, chegou sequer a vislumbrar a possibilidade desse prodígio de racionalização que conseguiram os⁷⁵ padres da Companhia de Jesus em suas missões.

Hoje, a simples obediência⁷⁶ como princípio de disciplina parece uma fórmula⁷⁷ caduca e impraticável, e daí, sobretudo, a instabilidade constante de nossa vida social. Desaparecida a possibilidade desse freio, é em vão que temos procurado importar do sistema de⁷⁸ outros povos modernos, ou criar por conta própria, um sucedâneo⁷⁹ adequado, capaz de superar os efeitos de nosso natural inquieto e desordenado. A experiência e a tradição ensinam que toda cultura só absorve, assimila e elabora em geral os⁸⁰ traços de outras culturas, quando estes encontram uma possibilidade de ajuste aos seus quadros de vida. Neste particular cumpre lembrar o que se deu com as culturas europeias transportadas ao Novo Mundo. Nem o contato e a mistura com raças indígenas ou adventícias fizeram-nos⁸¹ tão diferentes dos nossos avós de além-mar como às vezes gostaríamos⁸² de sê-lo. No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer a alguns dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à península Ibérica, a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir, até hoje, uma

74. A: doutrinas. *Nenhum ditador moderno, nenhum teórico do comunismo* ou do.

75. A: que *puderam conseguir* os.

76. A: a obediência.

77. A: *forma*.

78. A: temos *descurado importar dos sistemas* de.

79. A: *substitutivo*.

80. A, B: elabora *verdadeiramente* os.

81. A: raças *aborígenes* fizeram-nos.

82. A, B: como gostaríamos.

alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a forma⁸³ atual de nossa cultura; o resto foi matéria que⁸⁴ se sujeitou mal ou bem a essa forma.

NOTAS

I. Sobre esse paralelismo das hierarquias, veja-se o curso teológico de João de São Tomás, o filósofo português tido por muitos tomistas modernos como o mais perfeito intérprete do Doutor angélico. *Jean de Saint Thomaz*. Tradução de M. Benoit Lavaud, O. P., Paris, 1928, p. 91 e seg.^{85, 86}

II. Gil Vicente, *Obras Completas*. Reimpressão fac-similada da edição de 1562, Lisboa, 1928, fl. 231.⁸⁷

III. Alberto Sampaio, *Estudos históricos e econômicos*, 1, Porto, 1923, p. 248.^{88, 89}

IV. A importância relativamente pequena da nobreza hereditária resulta em parte, talvez, da ideia romana de família que, segundo afirma Spengler, fundado nas investigações Sohm (Institutionem, p. 108), abrange, ao contrário da germânica, não uma

83. A: *forma* [em itálico].

84. A, B: matéria *plástica* que.

85. Nota inserida em A.

86. A, B: Sobre esse paralelismo das hierarquias, veja-se o curso teológico de João de São Tomás, tido por muitos tomistas modernos como o mais perfeito intérprete do Doutor angélico. *Jean de Saint Thomaz*. Tradução de M. Benoit Lavaud, O. P. – Paris: André Blot Editeur, 1928. p. 91 e 92.

87. Nota inserida em B.

88. Nota inserida em A.

89. A: Alberto Sampaio – *As vilas do norte de Portugal* – estudo sobre as origens e estabelecimento da propriedade – Porto, Imprensa Moderna, 1903 – p. 164.

B: não há a nota.

sucessão, mas antes o grupo dos vivos, com o paterfamilias ao centro. (Ver Oswald Spengler, *Politisch Schriften*. C. H. Beck'sche Verlagbuchhandlung, Munich, 1933, p. 249.)

A indiferença à ilegitimidade de nascimento na Itália do século XVI, que tanto escandalizava a estrangeiros como Commines, por exemplo, relaciona-se talvez à mesma ideia. Ainda a esse propósito, não se deve deixar de lembrar que duas grandes dinastias portuguesas, a de Avis e de Bragança, provêm de príncipes bastardos.⁹⁰

90. Nota constante apenas em A, uma vez que o trecho ao qual ela se relacionava foi excluído em B.